

LITERATURA, ESQUECIMENTO, MEMÓRIA: DE COMO JOSÉ SARAMAGO ENTRELAÇA AS TRÊS INSTÂNCIAS EM SUA OBRA MEMORIALÍSTICA *AS PEQUENAS MEMÓRIAS*

Literature, forgetfulness, memory: on how does José Saramago interweaves the three instances in his memorialistic work The Small memories

Miriam Denise Kelm
UNIPAMPA

Resumo: *As pequenas memórias*, livro publicado por José Saramago em 2006, quatro anos antes de falecer, é um texto exemplar no sentido de explorar ao máximo as possibilidades e limitações do lembrar/esquecer, e assumir os dilemas daquele que se debruça sobre o passado tentando reavê-lo. No afã de “atar as pontas” do ciclo existencial, Saramago irá se deparar com todas as formas que o embate entre Esquecimento e Memória empreendem em seu íntimo. Para compor uma reflexão sobre este tema, recuperamos brevemente as origens míticas e etimológicas destes dois termos, observando os estudos de Harald Weinrich, Paul Ricoeur e Philippe Lejeunne, e empreendendo uma incursão interpretativo-analítica sobre a obra literária que elegemos, dentro da perspectiva memorialista e auto-representativa que oferece.

Palavras-chave: Literatura, Esquecimento, Memória

Abstract: *The Small Memories, published by José Saramago in 2006, four years before his death, is an exemplary text in order to exploit to the full the possibilities and limitations of the remember/forget, and assume the dilemmas of the one that focuses on the past trying to recover it. In an effort to “tie the ends” of the existential circle, Saramago may encounter all the ways in which the struggle between Memory and Forgetfulness undertake in his innermost. To compose a reflection about this theme, we’ve recovered briefly the mythical and etymological origins of these two terms, noting the studies of Harald Weinrich, Paul Ricoeur and Philippe Lejeunne, and undertaking a interpretive and analytical raid on the literary work we elected, within both memoirist and self-representative perspectives offered by it. .*

Key-words: *Literature, Forgetfulness, Memory*

Para aqueles que são agraciados com uma vida longa, torna-se imperiosa a noção de circularidade e de um percurso cíclico que se vai, enfim, completando com a espécie de junção das duas fases, a inicial e a final. Com José Saramago, cujo grau de perspicácia e espírito arguto mantiveram-se intactos, até mesmo cada vez mais apurados, não seria diferente.

A isto vamo-nos referir, nesta brevíssima reflexão, que toma como ponto de partida o vídeo-show que circulou pela web em 2010, pouco depois do falecimento do escritor, com um apanhado de frases presentes em seus livros, e momentos, principalmente os compartilhados com o público, em grande parte registrados nas inúmeras vezes em que falou às plateias brasileiras. Numa das imagens, ele dizia esperar que sua trajetória existencial não decepcionasse a criança que fora outrora. Cito: “Tentei não fazer nada na vida que envergonhasse a criança que fui.”. A declaração se referia a algo de que poucas vezes nos lembramos, com a profundidade característica de Saramago presente em tudo a que se referia: a coerência do indivíduo para consigo mesmo. Coerência que passa pelo contato com princípios somente vislumbrados na infância, percepções tocadas muito ao leve e o desenvolvimento das mais incipientes capacidades ao longo da vida... Coerência que o faz reconhecer, lá em anos adiantados, que, afinal, “já estava tudo ali” (SARAMAGO, 2006, p.10), porém de forma embrionária. Coerência que Saramago busca, já idoso, e que o remete a um estágio vivencial em que há nobreza de sentimentos e perspectivas esperançosas, que quase sempre esmorecem com o passar do tempo.

Como não tentar aquilatar e recuperar aquele infante, completamente movidos que somos pela curiosidade de leitores e receptores de todo o conteúdo multifacetado em que pensou e sobre o qual se expressou um escritor, um homem como Saramago? Como não tentar conhecer de que modo se constituiu uma personalidade tão íntegra e tão comprometida com as circunstâncias humanas, das quais sempre se colocou tão próximo? Como não reconhecer que um projeto humano em curso encontrou-se com inúmeros projetos e realizações ficcionais, de modo a que não se pudesse mais separar um do outro? Como não perceber que o ficcionista, ao escrever suas memórias, detém-se e perscruta a sua parcela singularmente humana, em busca daquilo que ajudaria a explicar suas opções posteriores? Pois, voltar ao espaço-tempo da infância era necessário: “Só eu sabia, sem consciência de que o sabia, que nos ilegíveis fólios do destino e nos cegos meandros do acaso havia sido escrito que ainda teria de voltar à Azinhaga para acabar de nascer.” (SARAMAGO, 2006, p. 11).

José Saramago publicou *As pequenas memórias* em 2005, contando então com a idade de 83 anos e, em suas palavras, com “o poder reconstrutor da memória”, mencionada na página 16 como aquela capaz de transportá-lo, em qualquer instante, para junto de cenas, pessoas, sensações e paisagens.

Sobre esta potencialidade reconstrutora e invocativa da memória, já Santo Agostinho, em suas *Confissões*, fizera referência, nomeando-a de “palácio da memória”, expressão superlativa e espacial por estar repleta de meandros, imagens e incontáveis sugestões a que qualquer um poderia se reportar, quando assim o desejasse. (AGOSTINHO, 1982, p. 200-201). Para Agostinho, a memória seria uma prova da superioridade humana conferida por Deus, generosamente, aos homens: “É grande esta força da memória, imensamente grande... É um santuário infinitamente amplo. Quem o pode sondar até ao profundo? Ora, esta potência é própria do meu espírito e pertence à minha natureza.” (p. 201). Mas, já então, aponta o que paira como ameaça a tal capacidade:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está escondido também tudo o que pensamos [...] também os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo [...] se é que o esquecimento ainda não o absorveu e sepultou.” (AGOSTINHO, 1982, p. 200, grifo nosso)

O labor empreendido, inegável, motivado pelo desejo de recomposição junto às “profundezas do ser”, em busca, seja das origens, seja de um fio condutor ou de uma coerência na trajetória que somente poderá ser balizada mais adiante, no entanto, leva Agostinho a concluir: “Não chego, porém, a apreender todo o meu ser.” (p. 201)

Propomos percorrer alguns sentidos daquele que chamaremos o primeiro termo de um binário hipotético: esquecimento/memória, lançando uma indagação quanto ao propósito mais essencial de toda a Literatura: não seria ela o resultante último da luta contra o esquecimento? Se um dos paradoxos contemporâneos é o fascínio pelo instante, ainda que nossa existência só se assegure na duração, interrogamos: o que garante a duração? A memória...O que ameaça a duração? O esquecimento.

De acordo com o linguista e crítico literário Harald Weinrich, toda orientação e reflexão relativa ao fenômeno do esquecimento, no Ocidente, iniciaria com a imagem mítica criada na antiga Grécia. Em Hesíodo e Píndaro, há referências ao mito grego: Lete – divindade feminina, formaria um par contrastante com Mnemósyne (deusa da Memória). Lete vem da linhagem da Noite e é filha da deusa Discórdia, o que remete à proximidade entre desacordo e esquecimento.

Em seu campo semântico estão as trevas, a obscuridade, o apagamento, o encobrimento, mas também o alívio. Lete, no mito, é nome de um rio do submundo, que confere esquecimento às almas dos mortos. No campo de imagens, o esquecimento está mergulhado no elemento líquido, associando-se à queda, ao desaparecimento (WEINRICH, 2001, p. 24).

O esquecimento desempenha importantes aparições nos dois textos épicos gregos referenciais, *Ilíada* e *Odisséia*, de Homero. Neste último, os piores obstáculos enfrentados por Ulisses para retornar à Ítaca, por longos dez anos, foram as tentações do esquecimento: - episódio dos lotófagos (ingestão da planta lótus – esquecimento dos objetivos da viagem pelos marujos); encontro com Circe, a feiticeira (ministra uma bebida encantada aos homens que apaga a lembrança da pátria); Calipso, a deusa que seduz Ulisses pelo “feitiço do amor” – a mais eficaz droga do esquecimento e que atua sobre ele por sete anos. (WEINRICH, 2001, p. 35-36). Assim também na epopeia camoniana, *Os Lusíadas* (1572), o episódio da “Ilha de Vênus” é apresentado como um bálsamo que apagaria a lembrança dos sofrimentos indizíveis dos navegantes (Canto IX).

Além das aparições do tema em textos narrativos, na poesia, o termo surge mais frequentemente associado à morte, ao olvido e ao alívio: *”Desce por fim sobre o meu coração/ O olvido. Irrevogável. Absoluto./ Envolve-o grave como véu de luto./ Podes, corpo, ir dormir no teu caixão.”* “Olvido”, de Camilo Pessanha. Nos poetas românticos, o lenitivo do esquecimento cria as possibilidades do viver intenso: *“Bebe a bebida de alívio/ E esquece a grande dor! / Magnífico é o dom de Baco,/ Bálsamo para o coração dilacerado.”* “A festa da vitória”, Schiller.

Sobre o esquecimento, na reflexão e ação humana, em rápidos traços aqui, mas bem melhor desenvolvidos na análise elaborada ao longo da obra de Weinrich, tem-se: na retórica jurídica: *lex oblivionis* significa esquecimento legalmente ordenado ou *anistia*. Para os gregos, na história do conceito de esquecimento aparece a palavra *aletheia*, “verdade” – a verdade como o inesquecido ou o inesquecível. Desde Platão, o esquecimento aparece como lacuna no texto, que se pode preencher com escrita e pensamento. No Antigo Testamento, a relação de Deus com seu povo escolhido, Israel, é apresentada como aliança fundada no não-esquecimento recíproco. Em Freud, surge o conceito de “esquecimento apaziguado”, pela via do trabalho de rememoração. Contemporaneamente, a experiência simbolizada por Auschwitz coloca um novo paradigma, o do esquecimento impossível, do qual as obras de Primo Levi e Elie Wiesel são as expoentes. Por fim, em se aceitando que a morte seria um agente a serviço do esquecimento, ideologias em

diferentes épocas e situações se valem deste preceito para destruir, apagar as manifestações culturais, desfazer a presença de indivíduos, de grupos, de etnias e povos.

Seguindo a recuperação empreendida por Weinrich quanto à Memória, contraponto ao Esquecimento, as suas origens míticas se reportam a Mnemósine, filha de Gaia (Terra) e Urano, que tem como irmão o deus Cronos (Tempo). Mnemósine personifica a Memória e tem relação com o patrimônio cultural da Humanidade. Ameaçada pelo “devorador” Cronos, mantém-se graças à habilidade na escrita, isto é, na linguagem. Torna-se esposa de Zeus (deus supremo do Olimpo) e dá origem a nove musas, deusas das artes e de algumas ciências, entre elas: Poesia, Música, Dança, Arquitetura e História - deusa Clio, também representante da Criatividade. (WEINRICH, 2001, p. 58). Na *Ilíada*, de Homero, é possível perceber sua presença no canto II, onde o “catálogo das naus” descreve a pujança das terras, dos líderes e dos combatentes, enaltecendo suas habilidades. Referência a tudo aquilo que deverá perdurar, na memória dos homens, sobre a Grécia. No mesmo canto, fala-se daquele que “veio tarde, mas fama vai ter sempiterna”: Aquiles, cuja escolha recai sobre a exaltação e permanência de sua memória, e não sobre o seu esquecimento pela posteridade.

Já Jeanne Marie Gagnebin, levantando hipóteses sobre o estatuto da verdade do passado, o ofício do historiador e sobre a importância da memória, indaga: por que fazemos questão, hoje, de estabelecer a história verdadeira de uma nação, de um grupo, de uma personalidade, de nós mesmos? Em seu entender, a verdade do passado remete mais a uma ética da ação presente do que a uma adequação entre palavras e fatos. (GAGNEBIN, 2006, p. 39). A autora propõe uma retomada do conceito de rastro, afirmando que ele sempre foi uma das noções preciosas e complexas que procuram manter juntas “a presença do ausente e a ausência da presença” (p. 42). O conceito de rastro rege todo o campo semântico e metafórico da escrita, de Platão a Derrida; possui uma fragilidade inerente que se opõe ao desejo de plenitude, de presentificação e substancialidade. Por fim, interroga: por que a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente o conceito de rastro? E responde: “porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência: presença no presente que lembra do passado desaparecido, e também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção nos rastros.”, sendo as inscrições fúnebres os primeiros rastros de signos escritos, assegurando que memória, morte e escrita são inseparáveis. (GAGNEBIN, 2006, p. 47). Por fim, afirma que se o trabalho da memória se funda na luta contra o esquecimento, é porque se reconhece, implicitamente, a força deste último: o reconhecimento do poder da morte, do desaparecimento.

Ainda, é em Paul Ricoeur que encontraremos retomado um princípio fundamental ligado à memória, presente também nas reflexões filosóficas desde a Antiguidade: as distinções entre a presença da lembrança no espírito e a recordação enquanto busca. Diz Ricoeur: “a simples lembrança sobrevém à maneira de uma afecção, enquanto a recordação consiste numa busca ativa [...] a iniciativa da busca está na dependência de um *poder buscar* que é nosso.” E mais: “o ato de se lembrar produz-se quando transcorreu um tempo. E é esse intervalo de tempo, entre a impressão geral e seu retorno, que a recordação percorre.” (RICOEUR, 2007, p. 37).

Neste sentido, podemos nos referir à escrita memorialística como uma ação efetiva resultante da vontade humana, um trabalho árduo, muitas vezes, empreendido em relação ao passado, um projeto, enfim, em que os obstáculos vão desde os lapsos criados pelo esquecimento até os enfrentamentos de vivências soterradas que serão, necessariamente, resgatadas. O próprio planejamento faz parte desta busca e José Saramago, ao mencionar os anos antes em que a ideia de rememorar sua infância, pela via escrita, começou a se fazer presente em seu íntimo, observa que os dois impedimentos mencionados acima já lhe assomavam à mente. Veja-se: “Perguntar-se-á como sou eu sabedor de todos estes pormenores depois de passado tanto tempo. [...] Quando há muitos anos me veio a ideia de escrever as recordações e experiências do tempo em que era pequeno, tive logo presente de que deveria falar da morte (já que tão pouca vida teve) do meu irmão Francisco.” (SARAMAGO, 2006, p 113.)

Diferentemente de Agostinho, o autor será menos benevolente e menos reverencial para com a memória, admitindo suas falhas, mas não lhe diminuindo a importância como fenômeno que confere, mais propriamente, uma existência aos seres. Assim, “(nomes) soterrados durante anos e anos sob aluviões de olvido, ascenderam obedientes das profundezas da memória quando a necessidade os convocou”. (p. 36). Um dos sentidos que aqui detectamos é também o de paciente trabalho – o trabalho da memória – que é o de iluminar fatos esquecidos ou fazer emergir fragmentos de vida, o que é reconhecível também na frase: “Salvo que esta minha por enquanto ainda prestável memória deixe vir à superfície novas referências e novas datas...” (p. 40).

Na qualidade de homem contemporâneo que é, Saramago pretende, tão-somente, retomar aquilo e aqueles que lhe legaram os apetrechos iniciais para a existência, e muito especialmente reencontrar-se com o ser criança, numa aceitação tácita da alteridade que forma um e o mesmo sujeito, simultaneamente, pois como declararia posteriormente: “Quando me for deste mundo, partirão duas pessoas. Sairei de mão dada, com essa criança que fui.”(vídeo-show).

Subjetivamente, o resgate da meninice também em face do mundo, e de si, seria o modo pelo qual José Saramago comporia uma / a sua unidade.

Entre as páginas 32 e 34, explica a escolha do título, com o qual se destituiu de qualquer traço pretensioso que pudesse ter inicialmente, optando pelo exercício de inserção naquela criança, *(Re)-Conhecendo-a* em si por meio da retomada consciente do período. Finaliza dizendo: “*As pequenas memórias*. Sim, as memórias pequenas de quando fui pequeno, simplesmente.” (p. 34), e indicando ao leitor a realização de um passeio através da ótica infantil de há 70 e tantos anos atrás, que demarca o seu “aparecimento neste mundo” (p. 46), porém conduzido pela narração coloquial do escritor maduro, que vai tecendo os arremates finais e conclusivos de uma vida, a quem apeteceria “voltar a mergulhar (nas águas) a minha nudez da infância”, reencontrando “um certo ser que fui e que deixei encalhado algures no tempo” (p. 15).

E afinal, o que encontramos ao iniciar a leitura de *As pequenas memórias*? De onde partiu este homem e escritor que aprendemos a amar? De que modo, aos 83 anos, Saramago olha para o seu passado depois de muita escrita, viagens, amores, laços de amizade, palavras contundentes e graves, e o exercício de um poder de persuasão, também de provocação e de “desvendamento pela palavra” (SARTRE, 1993, p. 67) que não deixou de praticar em tempo algum?

Somos conduzidos, então, a Azinhaga – “a minha aldeia” (p. 09); “o rio da minha aldeia” (p. 77) – numa clara interlocução com Fernando Pessoa; “a gente da terra” (p. 27), ao encontro de homens e mulheres que vivem da terra ou de pequenas atividades, gente simples, analfabetos em grande parte, mas feitos sábios pela aprendizagem do viver. Somos levados para junto dos rios Almonda e Tejo, para junto de oliveiras centenárias, de choupos, freixos e salgueiros e noites de luar absoluto; para junto das diversas estações do ano e de seus efeitos na natureza, sem que nenhuma nuance deixasse de ser percebida pelo menino que diz “A criança, durante o tempo que foi, *estava* simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava” (p. 13). Saramago conduz-nos para junto das ruas de Lisboa de há 80 anos atrás, pois “me levaram para Lisboa, para outros modos de sentir, pensar e viver” (p. 10); conheceremos, ainda, os bancos escolares, onde o menino Saramago vai amealhando prazeres e pequenas conquistas, e onde diz: “E foi aqui, agora que o penso, que a história da minha vida começou” (p. 93), associando sua identidade à leitura e à escrita. Somos levados, enfim, ao encontro de histórias, personalidades e lugares que, nos vai contando o autor maduro, iriam comparecer aqui e ali, pontilhados na obra futura, tal como sugestões indeléveis, irrecusáveis, a que Saramago deu concretude pela palavra.

Deparamo-nos, por força de suas memórias reconstruídas com o poder da escrita literária, com o seu “desprevenido e isento coração infantil” (p. 57), assim descrito em terceira pessoa:

Naturalmente, quando subia ao campanário da igreja ou trepava ao topo de um freixo de vinte metros de altura, os seus jovens olhos eram capazes de apreciar e registrar os grandes espaços abertos diante de si, mas há que dizer que a sua atenção sempre preferiu distinguir e fixar-se em coisas e seres que se encontrassem perto, naquilo que pudesse tocar com as mãos, naquilo também que se lhe oferecesse como algo que, sem disso ter consciência, urgia compreender e incorporar ao espírito (escusado será lembrar que a criança não sabia que levava dentro de si semelhante jóia). (p. 13)

A utilização da terceira pessoa para referir-se a si como estratégia de auto-representação lembra Philippe Lejeune, que sobre este fenômeno intrínseco ao memorialismo e suas principais características, diz: “O pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, da identidade de nome entre autor, narrador e personagem.” (LEJEUNE, 2008, p. 23). E completa: “O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real, socialmente responsável, e o produtor do discurso.” (p.26). Segundo ele, o movimento realizado pelo receptor-leitor vai no sentido de captar a veracidade do relato e confirmar a identidade entre autor-produtor do discurso. Por outro, o leitor compreende e aceita o distanciamento proposto pelo autor, quando utiliza a terceira pessoa, visualizando aquele intervalo de tempo percorrido pelo ato de recordar, a que se refere Ricoeur anteriormente citado.

Sobre os efeitos invariavelmente devastadores do tempo em tão antigas lembranças, o autor assumirá uma postura volátil, de grande leveza e completa honestidade, assinalada e reiterada ao longo do livro através das expressões: “...se bem recordo, se não estou a inventar agora” (p. 20); “se a memória não me engana” (p. 21); “se a memória não me falha” (p. 48); “Às vezes pergunto-me se certas recordações são realmente minhas, se não serão mais do que lembranças alheias de episódios e dos quais só mais tarde vim a ter conhecimento por me terem sido narrados por pessoas que neles houvessem estado presentes...” (p. 58); “Não tenho a certeza absoluta de as coisas se terem passado exactamente desta maneira, mas...” (p. 74); “Mais de setenta anos depois, por entre as brumas da memória, consigo ver-me...” (p. 97); “Esta é, pois, a minha memória mais antiga. E talvez seja falsa...” (p. 111).

Tem-se aqui material suficiente para estudar essas palavras e essa postura perante aquilo que Georges Gusdorf chama de “inventário” (a autobiografia) do autor que, na qualidade de “historiador” de sua própria vida irá se deparar com dificuldades a essa tarefa inerentes: “Será necesario luchar, sin duda alguna, contra las flaquezas de la memoria y contra las tentaciones de la

mentira, pero una higiene moral suficientemente severa, así como una buena fe fundamental, permitirá restablecer la realidad de los hechos...” (GUSDORF, 1960, p. 14). A própria relativização explicitada por Saramago demonstra o empenho consciente adotado na recomposição, sem ignorar as limitações impostas pelo tempo e o esmaecimento das lembranças.

Por fim, José Saramago retoma o que sempre lhe foi e custou muito caro: as opções políticas e ideológicas, que o afastavam instintivamente do totalitarismo e das religiões, devido a já sentir-se um “precoce racionalista” (p. 81), e o aproximavam dos homens comuns, da “gente da terra” à qual dedica as últimas páginas de suas memórias – amorosas páginas, reconhecendo o quanto a exclusão social, econômica e cultural relega potencialidades irrealizadas a uma vida escassa e sem perspectivas.

Num dos momentos mais belos e densos do livro, já quase ao final, permeado pelos sentimentos assumidamente expressos do autor postado no tempo presente, invoca-se a imagem dos avós, premonitórios e circunspectos em relação ao próprio fim. O sentido de proximidade, do “trazer de volta à cena” o que estava envolto em sombras, mas certificando e ratificando a presença do menino, quando dos acontecimentos, pode ser vista nesses trechos:

Mas a imagem que não me larga nesta hora de melancolia é a do velho que avança sob a chuva, obstinado, silencioso, como quem cumpre um destino que nada poderá modificar. A não ser a morte. Este velho, que quase toco com a mão, não sabe como irá morrer. Ainda não sabe que poucos dias antes do seu último dia terá o pressentimento de que o fim chegou, e irá, de árvore em árvore do seu quintal, abraçar os troncos, despedir-se deles, das sombras amigas, dos frutos que não voltará a comer. (p. 120)

[...] Tu estavas, avó, sentada na soleira da tua porta, aberta para a noite estrelada e imensa, para o céu de que nada sabias e por onde nunca viajarias, para o silêncio dos campos e das árvores assombradas, e disseste, com a serenidade dos teus noventa anos e o fogo de uma adolescência nunca perdida: “O mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer.” Assim mesmo. Eu estava lá. (p. 121)

Se Gusdorf afirma ser a autobiografia um “testemunho de si mesmo”, tomando os demais (nós leitores) como testemunhas de uma trajetória, (e da coerência perseguida, acrescentaria), poderíamos ainda dizer que o escritor português reafirmou, até o último momento, a responsabilidade individual pelos destinos coletivos da humanidade e pela historicidade do homem – a ser construída ou inteiramente repensada. Saramago é, modernamente, um dos exemplos mais veementes da profissão de fé feita por Jean Paul Sartre, em seu *O que é a literatura?*:

a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir. Assim, o prosador é um homem que escolheu determinado modo de ação secundária, que se poderia chamar de ação por desvendamento. [...] podemos concluir que o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. [...] a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele. (SARTRE, 1993, p. 20-21)

A Literatura, de um modo geral, mas também de um modo todo ele proposital, irá trabalhar aspectos da Memória os mais diversos, elaborando-os esteticamente e representativamente. Chamamos a atenção para três deles, exemplificados em palavras e obras de narradores exponenciais da Literatura de Expressão Portuguesa.

Em Saramago, destacaríamos a faceta integradora do indivíduo junto à coletividade maior a que pertence: “Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória, não existimos; sem responsabilidade, talvez não mereçamos existir.” Na obra do escritor angolano Ondjaki, é possível reconhecer a associação da Memória com a subjetividade: “O ‘dia da véspera de carnaval’...quando acontecia era um dia rápido, porque os dias mágicos passam depressa deixando marcas fundas na nossa memória, que alguns chamam também de coração.” (ONDJAKI, 2007, p. 60). Já no autor moçambicano Mia Couto, tanto na postura ideológica quanto no estilo adotado em sua produção escrita, vê-se a Memória como coparticipante do sentido de identidade cultural e nacional: “Nossas ruas e praças estão recheadas de nomes de heróis, porém, falta-lhes rosto, falta-lhes voz, falta-lhes vida. Faltam-nos as pequenas histórias, os pequenos episódios que seduzem a imaginação e sustentam a memória.” (Discurso pronunciado no dia 02/08/2015, por ocasião da atribuição do título de Doutor *Honoris Causa*, a ele, pela Universidade Politécnica de Maputo, Moçambique).

Voltando para a obra *As pequenas memórias*, elas são, para nós, um tributo à alteridade – representada no eu-menino - e também um tributo à coerência alcançada por José Saramago, cuja deposição das cinzas, em 18 de junho de 2010, deu-se junto a uma oliveira centenária, trazida de Azinhaga do Ribatejo para junto da Casa dos Bicos, em frente ao Tejo, Lisboa, onde está instalada a Fundação José Saramago. Em sua memória, a escritora portuguesa Lídia Jorge enunciou mais que uma despedida; alteou-o ao lugar para onde todos os seus leitores o elevarão nos singulares momentos de leitura da sua obra:

Dentro de instantes, Pilar, a tua mulher, irá deitar parte do que sobejou do teu corpo ao chão, mas todos nós que aqui estamos sabemos que ao mesmo tempo

que te deitamos na terra, não te deixamos na terra, nós todos levantamos-te do chão. Nós, teus amigos, teus leitores, teus companheiros, toda esta cidade, levantamos-te do chão neste momento. E o mesmo sucederá no futuro, cada vez que abirmos os teus livros e lermos as tuas palavras, e imaginarmos as figuras que tu mesmo imaginaste. E entrarmos nas tuas razões, e nos teus combates, sobretudo, no edifício magnífico da língua escrita que tu inventaste. Cada vez que acontecer, seja onde for, e em que idioma for que sejas lido, em qualquer parte da terra que seja, tu não serás as tuas cinzas que irão ser depositadas neste jardim, à sombra duma oliveira. Serás sim, os milhares de páginas que escreveste sobre a Utopia e o desconcerto e o concerto do mundo. Sobre os vivos, os mortos, Deus, os reis e os pobres, o elefante e o Cristo. Um mundo acrescentado ao Mundo. (<http://www.josesaramago.org/>)

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- GAGNEBIN, JEANNE MARIE. *Lembrar escrever esquecer*. Trad. Almira J. Benevides. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GUSDORF, Georges. Condiciones y limites de la autobiografía. In: *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Estudios, *Suplementos Anthropos*, no. 9, Espanha, 1995.
- HOMERO. *Iliada*. 2ed. Trad. Carlos A. Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- _____. *Odisséia*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1999.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. De Rousseau à Internet. Trad. Jovita M. Gherheim Noronha e Maria Inês C. Guedes. NORONHA, Jovita M. Gerheim. (Org.) Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- OLMI, Alba. *Dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- ONDJAKI. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Trad. João C. Almeida. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- WEINRICH, Harald. *LETE – arte e crítica do esquecimento*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Outras:

<http://www.josesaramago.org/>

<http://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/aula-de-mia-couto-durante-a-cerimonia-doutor-honoris-causa-completa/>

Miriam Denise Kelm

Professora associada da Fundação Universidade Federal do Pampa, Bagé/RS, onde dirige o Núcleo de Estudos de Literaturas Lusófonas no Pampa e o Projeto “Leituras Orientadas de Textos Dramáticos”. Com Doutorado em Letras - Teoria da Literatura, pela PUCRS (2005), tem parte de sua pós-graduação realizada junto à Universidade de Coimbra/PT. Atua com os temas Literatura e História, Memória, Gênero e Literaturas de Expressão Portuguesa. (miriam.kelm@unipampa.edu.br)

Recebido em 15 de março de 2015.
Aceito em 15 de abril de 2015.